

Fernando Molica

A tortura e o espelho

Vencedor do Festival de Cannes e um dos favoritos para o Oscar, o iraniano “Foi apenas um acidente”, de Jafar Panahi, mostra como a tortura marca e deforma a vida de suas vítimas.

O mote é simples: um ex-presos pela ditadura dos aiatolás crê ter reencontrado seu torturador, o sequestra e decide matá-lo. Mas, em dúvida sobre sua identidade, recorre a outras vítimas do mesmo algoz para ter certeza de que não cometeria uma injustiça.

Vanid (Vahid Mobasseri), o protagonista, e seus parceiros recordam o que passaram nos porões do regime e se veem diante de uma questão ética: deveriam agir da mesma forma que seus algozes? Poderiam matar ou mesmo torturar o sujeito que, supostamente, fora responsável por tantos sofrimentos, que marcariam e, mesmo, destruiriam suas vidas? Até que ponto a vingança não os igualaria aos homens desprezíveis que lhe impuseram tamanhas dores?

Ao longo do filme, os espectadores são transformados em personagens, em integrantes daquele tribunal improvisado e capenga — o que faríamos diante de algo assim? O impasse criado pela decisão de Vanid de aprisionar aquele que o teria torturado gera uma nova questão: caso fosse libertado, ele poderia se vingar de seus sequestradores.

(O jornalista Cid Benjamin agiu de maneira diferente. Preso e exilado pela ditadura, ele, em 1989, encontrou com um de seus torturadores no banheiro do bar Amarelinho, na Cinelândia. “Ele me viu, se assustou e eu disse: ‘Está lembrado de mim, Timóteo? Eu sou o Cid’”).

Panahi, que foi preso algumas vezes, consegue equilibrar a dureza do tema com momentos de humor. A saga dos ex-torturados na van que transporta o suspeito pelas ruas da cidade chega a remeter a um road movie, as atribulações ocorridas no veículo são tantas que

lembram momentos do engraçadíssimo “A pequena miss Sunshine”.

Há também uma alternância de momentos puramente cinematográficos — o ruído que permite a Vanid identificar o torturador — com outros de viés teatral, como a discussão sobre o que fazer com o preso. Aqui, o cenário (o deserto) reforça a ausência de referências, seria preciso que os personagens inventassem uma saída.

Proibido de filmar em seu país, Panahi gravou “Foi apenas um acidente” de forma clandestina, o que ajuda a explicar a opção por um roteiro que usa diferentes cenários, ligados pela movimentação da van. A necessidade de fugir da vigilância gerou consequências estéticas, ditou a lógica do filme.

“Foi apenas um acidente” poderia ter sido rodado em diversos outros países, inclusive no Brasil, uma sociedade criada com base na escravidão, que des-

de seus primórdios aprendeu a naturalizar e a deixar impune a tortura.

Como demonstrou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, parte significativa dos brasileiros inclui a aplicação de serviços a prisioneiros no rol de punições aceitáveis. Ao reduzir penas dos que queriam implantar uma nova ditadura, o Congresso mostrou ser parceiro da brutalidade.

Muitos por aqui tratam o tema do ponto de vista do algoz, responsabilizam a vítima (aquela história do “Mas o que ele fez para merecer isso?”), como se houvesse como justificar espancamento, aplicação de choques elétricos em partes genitais, estupro, empalamento e a prática de se pendurar alguém de cabeça para baixo).

Ao falar de impasses provocados pela tortura e da não punição institucional de torturadores, o filme trata da relação das sociedades com a barbárie — e, assim, a tela funciona também como espelho.

Tales Faria

Lula decidiu pelo enfrentamento que levou Dilma ao impeachment

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) acredita que a ex-presidente Dilma Rousseff sofreu “um golpe congressual” comandado pelo centrão. Ou, mais precisamente, pela ala do centrão liderada por seus grupos mais fisiológicos.

O ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, então no MDB-RJ e hoje do Republicanos, segundo avaliação de Lula foi apenas um “operador inicial” do impeachment que, na verdade, acabou sendo obra dos partidos de centro como um todo.

Lula disse a assessores que agora o centrão repete os mesmos movimentos para tomar o controle do processo político no país. O movimento principal é a aplicação de recursos do Orçamento da União.

Nessa sexta-feira, 19, o Congresso aprovou o Orçamento de 2026 desti-

nando R\$ 61 bilhões para emendas parlamentares. São R\$ 11 bilhões a mais do que em 2025.

Já na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) aprovada neste ano os parlamentares haviam determinado outra novidade que aumentou o controle sobre o Orçamento: o Executivo passou a ser obrigado negociar um calendário de liberação de emendas. Foi determinado que metade dos recursos serão pagos até o final do primeiro semestre de 2026.

Além do valor das emendas parlamentares ter um crescimento vertiginoso nos últimos anos (em 2015, eram apenas R\$ 3,9 bilhões), no Orçamento aprovado sexta-feira, também aumentou de forma significativa o valor destinado ao Fundo Eleitoral, que prevê financiamento de campanhas eleitorais. A proposta do go-

verno previa R\$ 1 bilhão, o relator subiu a cifra para R\$ 4,9 bilhões.

Mais: no projeto de lei aprovado na quarta-feira, 17, que reduziu em 10% parte dos benefícios fiscais do país, um jabuti ressuscitou emendas canceladas no passado. Eram pelo menos mais R\$ 3 bilhões que o governo seria obrigado a liberar. O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu a liberação.

O mesmo Flavio Dino havia autorizado, na sexta-feira, 12, operação de busca e apreensão contra Mariângela Fialek, ex-assessora do deputado federal e ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) conhecida como Tuca. A funcionária trabalha na liderança do PP na Câmara e atua no setor que organiza a indicação de emendas parlamentares.

Na sexta-feira, 19, ação a PF cumpriu novos mandados de busca e apreensão contra o líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (PL), e o deputado Carlos Jordy (PL) por suspeitas na gestão de recursos públicos. E foram encontrados cerca de R\$ 400 mil em espécie na casa do líder.

Lula acredita que ações como essa de Dino e da Polícia Federal acabarão provocando contra ele uma investida de parlamentares da oposição e do centrão semelhante à que ocorreu sobre Dilma Rousseff.

O presidente acha que a “verdadeira guerra” será deflagrada quando ele vetar o projeto de redução das penas (nova dosimetria) dos condenados por golpe de estado, que inclui perdão também por crimes de corrupção. Mas ele não abre mão. “Estou pronto para a guerra” disse Lula a assessores.

Sérgio Cabral*

Amargo ir e vir

O repórter Marcos Nunes, do jornal O Globo, nos trouxe na edição de ontem, domingo 21/12/2026, dados estarrecedores sobre a quantidade de vezes que o serviço ferroviário de passageiros da Supervia foi paralisado por conta da violência: 682 vezes. Isso mesmo: 682 vezes o serviço parou por conta da ação violenta que facções criminosas e a milícia impingiram interrupções a um serviço essencial para milhares de passageiros usuários da Supervia.

Segundo a reportagem, as interrupções do serviço variaram de 15 minutos a 18 horas. São roubos de cabos, trilhos, e,

sobretudo, confrontos violentos entre as facções ou no enfrentamento às forças de segurança do estado.

Milhares de estudantes e trabalhadores perdem a hora de seus compromissos e vivem dentro dos vagões as tensões de um ir e vir que deveria ser digno e confortável.

Depois de décadas de trens sucateados, meu governo renovou a frota da Supervia com a compra de mais de 100 novos trens. Para você ter uma ideia, a idade média da frota de trens era da década de 1960 quando assumi o governo, em janeiro de 2007. Após arrumar a casa e colocar as finanças

em ordem, buscamos o Banco Mundial que financiou a compra dos novos trens. A licitação foi internacional e os grandes fabricantes do mundo participaram do certame. Os chineses foram vencedores. Segundo relatórios do Banco Mundial, foi o melhor certame financiado pela instituição na América do Sul. Pela transparência e resultado final.

Depois de décadas os passageiros passaram a se locomover em trens com ar condicionado, mais amplos e confortáveis. Para se ter uma ideia, o número de passageiros/dia era de menos de 200 mil quando assumi

o governo, em 2007. Quando deixei o mandato, em 2014, a Supervia transportava mais de 500 mil passageiros por dia. Hoje, infelizmente, transporta 300 mil passageiros.

A violência leva terror e aniquila a qualidade de vida. Nesses últimos 11 anos as áreas dominadas pelas facções aumentaram assustadoramente. Todas as comunidades pacificadas nos meus 8 anos de governo voltaram às mãos do poder paralelo. Sem segurança pública estamos fadados ao caos.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho